

Junça de Beselga
P e n e d o n o

PORTUGAL
à mã

Município
de Penedono

JUNÇA DA BESELGA - PENEDONO

CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES PARA A CERTIFICAÇÃO

Trabalho desenvolvido por
Graça Ramos

Associação Portugal à mão
Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses

para
Câmara Municipal de Penedono

Vila Nova de Gaia, Fevereiro de 2014

Índice

Introdução.....	pág.4
1 - Nome de identificação do produto e respetivo logótipo - indicação geográfica.....	pág.5
2 – Enquadramento histórico-geográfico da produção artesanal tradicional “Junça da Beselga – Penedono”.....	pág. 6
3 – Delimitação geográfica da área de produção.....	pág. 15
4 – Identificação e caracterização das matérias-primas.....	pág. 16
5 - Descrição do modo de produção e características da Junça da Beselga - Penedono.....	pág.18
6 - Condições de inovação do produto e no modo de produção.....	pág.30
Bibliografia.....	pág.31

Introdução

Em Agosto de 2013, a Câmara Municipal de Penedono solicitou à Associação Portugal à mão – Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses um estudo e elaboração de caderno de especificações para a certificação da produção artesanal Junça da Beselga - Penedono, documento que agora se apresenta.

O Caderno de Especificações constitui o documento que suporta o Processo de Certificação de um determinado produto e, como tal, deve definir e apresentar todos os elementos que caracterizam esse produto e lhe conferem a sua específica identidade. Trata-se de um documento normativo que regulamentará a implementação do processo de certificação através de uma IG – Indicação Geográfica “Junça da Beselga - Penedono”, figura cuja atribuição compete ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Esta IG – Indicação Geográfica é composta por uma marca (símbolo) e por uma denominação.

O Caderno de Especificações contém, pois, o conjunto de elementos que definem o vocabulário e a gramática decorativa que tornam inconfundível a imagem da produção artesanal “Junça da Beselga - Penedono”, individualizando esta produção artesanal tradicional relativamente a outras, nacionais ou estrangeiras.

Mais concretamente fornecerá os seguintes elementos:

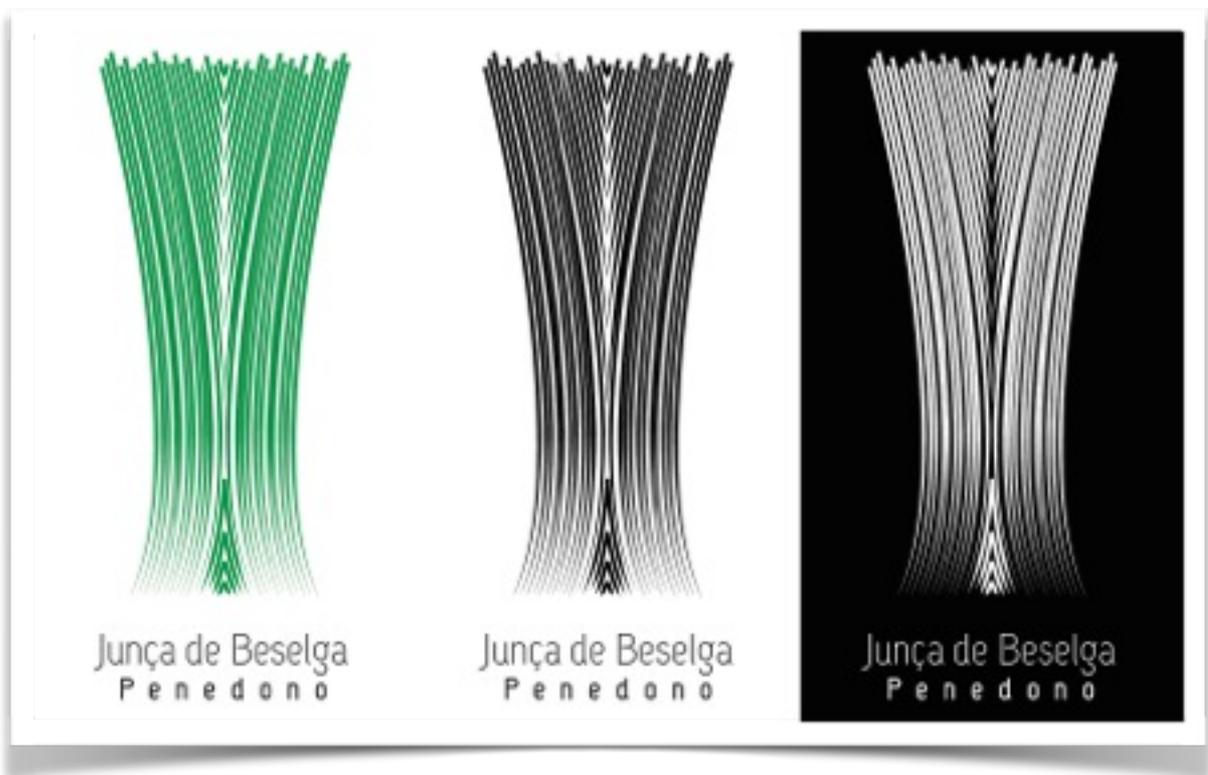
- Nome que identifique o produto e respectivo logótipo (marca de indicação geográfica)
- Referenciais histórico-geográficos que contextualizem a ocorrência e a continuidade da produção
- Delimitação geográfica da área de produção
- Identificação e caracterização das matérias-primas, do produto e do modo de produção
- Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto



1 - Nome de identificação do produto e respetivo logótipo - indicação geográfica

A Câmara Municipal de Penedono, apresenta ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, um pedido de registo de Indicação geográfica nacional “Junça da Beselga - Penedono”.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação, cujo logótipo será como a seguir se exemplifica (a cores, preto e branco ou negativo)



Este pedido de registo é sustentado pelo caderno de especificações da produção artesanal “Junça da Beselga - Penedono” aqui apresentado e com o parecer favorável da entidade competente no setor das artes e ofícios para a certificação das produções artesanais tradicionais (PPART/IEFP – Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais), na ausência de legislação enquadradora para a certificação de produções artesanais não alimentares.



2 – Enquadramento histórico-geográfico da produção artesanal tradicional “Junça da Beselga - Penedono”

Os trabalhos em junça da freguesia da Beselga constituem a produção artesanal mais emblemática do concelho de Penedono. A origem da matéria-prima nas serranias da região (ainda que relativamente afastadas da freguesia) terá contribuído para o desenvolvimento no local desta produção artesanal, que teve associados inúmeros usos ligados à vida quotidiana de outrora. As mãos hábeis dos artesãos ceireiros colocaram, assim, esta produção nos mercados, constituindo importante fonte de rendimento, em complemento da agricultura, da pastorícia e de outras atividades domésticas.

A história conhecida

A Beselga, uma das atuais sete freguesias do concelho de Penedono, distrito de Viseu, cedo se destacou pela proeminência dos seus trabalhos em junça, muito ligados aos trabalhos agrícolas, e muito especialmente à extração do azeite.

Localizada no sopé da serra do Sirigo, dista cerca de 6 km da sede de concelho, 8 km de Sernancelhe e 65 km de Viseu. Freguesia essencialmente rural, tinha na atividade agrícola e na pastorícia as componentes principais da vida da comunidade, dadas as características e exposição dos seus solos, a abundância de água e as condições edafoclimáticas. No entanto, e dada a exiguidade e a sazonalidade dos proveitos retirados da agricultura e pastorícia (seriam, para muitos, meros recursos de sobrevivência), cedo se tornou necessário um complemento que fornecesse às famílias um rendimento suplementar. E esta atividade permitia uma planificação tal que não comprometia a azáfama das tarefas agrícolas e da pastorícia, pelo que constituía o acréscimo ideal para a comunidade.

E é assim que surge o trabalho em junça na Beselga. Diz-se que terá começado em Penalva do Castelo e daí se deslocado para a Beselga - talvez por movimentações

provocadas por casamentos entre membros dos 2 locais? talvez por influências sociais? talvez por imitação? o que se sabe é que as gentes da Beselga, mesmo sem ter junça na sua área de implantação, levaram esta atividade muito a sério e tornaram-na sua, a ponto de ser identificada com o próprio local físico de produção.

Diz-se comumente que a atividade ceireira na Beselga terá uns 200 anos. Quem o refere socorre-se da antiguidade no tempo para justificar a importância e relevância desta arte no local. E, de facto, esta suposição não andarão muito longe da realidade, já que este estudo conseguiu detetar o ofício de ceireiro/a na Beselga perfeitamente documentado na 2ª metade do século XIX (com registos que fazem pressupor, sem dificuldade nem margem para erro, a existência desta atividade na Beselga, bem consolidada e com grande relevo, já na 1ª metade do séc. XIX ou até antes).

A história documentada - os registos paroquiais

Na ausência de registos de uma corporação ligada ao ofício de ceireiro/a, (que nunca existiu) e de referências à atividade nas atas do concelho consultadas no Arquivo Municipal de Penedono, a dimensão que esta profissão terá tido, no concelho de Penedono nos séculos XVIII e XIX e mais especificamente na freguesia da Beselga, só de forma indireta se pode obter. É assim que ganham especial relevância os registos paroquiais de batismo, de casamento e de óbito, investigados no Arquivo Paroquial da Beselga, no Arquivo Distrital de Viseu e no Arquivo da Diocese de Lamego, que identificam (ainda que de forma não sistemática), no caso dos registos de batismo, a profissão dos pais, das mães, dos padrinhos e das madrinhas da criança batizada, no caso dos registos de casamento, a profissão dos noivos, das noivas e dos progenitores de ambos e no caso dos registos de óbito, as profissões do próprio defunto e do seu cônjuge ou progenitores (quando menor de idade). Fornecendo indicações valiosas para avaliar o peso desta atividade na Beselga, os registos paroquiais não permitem contudo, calcular com precisão o total de ceireiros/as existentes, para cada ano, pois há sempre pessoas que não constam destes registos (não se casam, não são mães nem pais, não são padrinhos ou madrinhas). Também a falta de método sistemático

dos próprios párocos que fazem os assentos, não permite aferir dados com exatidão. Esta assistemática dificulta o estudo e limita severamente o número de anos para os quais é possível trabalhar com segurança.

A análise aos registos paroquiais, de batismo, de casamento e de óbito foi feita por amostragem. Deste modo, e para os registos que ainda se encontravam na Paróquia da Beselga, os anos investigados foram: 1860 (o livro de registos mais antigo ainda guardado na paróquia da Beselga) a 1865 (registos de batismo), 1866 a 1876 (registos de óbitos), 1886, 1890 e 1896 (registos de óbitos), 1900 a 1903 (registos de óbitos) 1900 a 1913 (registos de batismos), 1911 a 1918 (registos de casamentos).

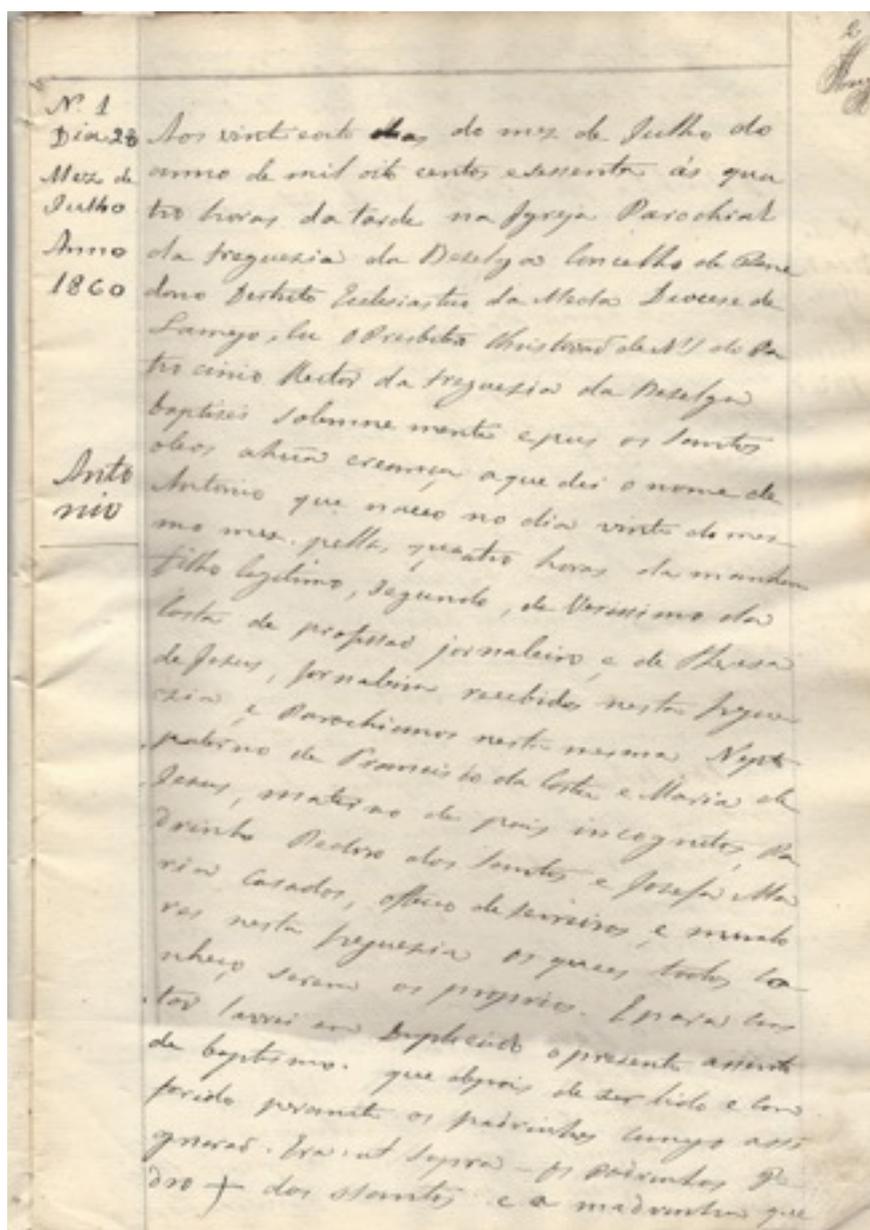
No Arquivo Distrital de Viseu encontram-se 33 livros de registos mais recuados no tempo: batismos desde 1780, casamentos desde 1807 e óbitos desde 1807, pelo que o que nos interessou para o estudo em causa foi perceber se haveria referências a ceireiros desde a data do registo mais antigo (1780) e até 1860 (data a partir da qual consultamos os registos na Paróquia da Beselga).

Após esta verificação e caso fossem detetadas referências significativas a ceireiros no séc XVIII, o que não foi o caso, recuaríamos ainda mais procurando uma data mais longínqua para esta atividade na freguesia da Beselga, consultando para o efeito os registos do Arquivo da Câmara Eclesiástica de Lamego (que remontam a 1593 para o caso dos registos de batismo, a 1601 para o acaso dos registos de casamento e a 1595). No entanto, e dada a ausência quase total de referências no século XVIII, achamos desnecessária a consulta destas fontes por não nos parecer que contivessem quaisquer referências de interesse para o estudo em causa.

Ao todo foram analisados registos (de óbito, de batismo e de casamento) num intervalo de tempo de cerca de 100 anos (1807 a 1918) para a freguesia de Beselga, sendo os resultados aqui apontados reflexo desta amostragem temporal.

De facto, e como já atrás se referiu, não é sistemática a referência às profissões das pessoas. Há mesmo grandes espaços de tempo em que não aparece uma única indicação sobre a ocupação das pessoas (já que tal registo dependia dos párocos, e alguns ignoravam ou não valorizavam este elemento). No entanto, e quando as profissões são referidas, temos uma clara predominância de proprietários (aqueles que detinham terras) e de jornaleiros (os que trabalhavam a terra). Quer-nos parecer que esta predominância não será estranha ao facto de a freguesia da Beselga ser

essencialmente agrícola, o que igualmente confirmará a existência de profissões/ocupações complementares da agricultura (como será o caso dos ceireiros). Também aparecem outras profissões, e m b o r a esporadicamente, como: carpinteiro, pastor, moleiro, alfaiate, doméstica, pessoas “que vivem da sua agência”, criada de servir, cardador, costureira, tecedeira, militar, tamanqueiro, ferrador, negociantes,



taberneiro, almocreve, industrial, mercador, barbeiro,... Mas a referência à profissão de ceireiros/seireiros/capacheiros (as denominações da profissão variam entre as três



hipóteses) é muito frequente, o que prova a importância que a atividade já tinha para a Beselga em meados do séc. XIX, como se pode ver nos nomes a seguir indicados, todos inequivocamente ligados à atividade ceireira na Beselga (as datas a seguir aos nomes indicam a data do registo onde apareceram os nomes):

- Pedro dos Santos e Josefa Maria (1860) – Pedro dos Santos faleceu em 1866 com 48 anos
- Manoel da Mathilde (1860)
- Maria dos Sanctos (1861)
- Manoel Martins da Mathilde e Luisa Antónia dos Sanctos (1862)
- Francisco António de Proença e Anna Júlia (1862)
- Gregório Nunes e Maria Augusta de Proença (1862)
- Thereza de Jesus (1864)
- José Roque (1864) - morre nesta data com 48 anos
- Miguel António da Angela e Maria Nascimento Casanova (1865)
- Joaquim Carpinteiro e Ludovina (1866) – nesta data faleceu-lhes um filho com 20 anos
- João de Proença e Maria Cândida (1866)
- António Joaquim da Rita e Maria do Patrocínio (1867) – Maria do Patrocínio faleceu em 1868 com 34 anos
- João António Alfaiate (por apelido) do Frade e Maria Joaquina (1869) – João António faleceu em 1869 com 46 anos
- Manuel Thomas d'Angélica e Maria do Patrocínio (1869) – Manuel Thomas morre em 1870 com 45 anos
- José Joaquim Lopes de Guilheira e Maria Anna das Coelhas (?) (1869)
- António dos Santos Bernardino e Theresa de Jesus (1869) – neste ano faleceu uma filha do casal com 21 anos
- Júlio António Júnior e Luiza Antónia de Proença (1869)

- Mathias dos Santos e Luisa Antónia (1869)
- Manuel António Carvalho e Narcisa Pereira (1869)
- Manuel Martins e Luiza Antónia dos Santos (1869) – Luiza Antónia morre em 1873 com 49 anos
- Agostinho de Carvalho e Maria de Jesus (1870)
- António Pereira e Maria Antónia do Conde (1870) – Maria Antónia morre em 1872 com 36 anos
- Manuel Joaquim Amado (1870) – morre nesta data com 35 anos
- Francisca Veiga (1871)
- Manuel Thomas Becco Júnior e Theresa Joaquina do Conde e Nobre (1871)
- Manuel António Maria e Gracinda de Jesus Ramalho (1871)
- José Conde (1872) – morre nesta data com 59 anos
- António Júlio do Frade e Anastácia de Jesus (1872) – Anastácia de Jesus morre nesta data com 42 anos
- João António Joanna (Rapozo) e Maria Cândida do Espírito Santo (1872)
- Manuel Thomaz da Cruz e Maria Antónia (1872)
- Manuel António Joanna Rapozo e Maria de Jesus (1873)
- Maria Felizarda (1874)
- Theresa Joaquina Maria (1875)
- António Martins dos Santos Beco e Maria Ascensão (1875)
- Francisco António de Proença e Anna Júlio (1876)

Consultados 3 anos da década seguinte 1886, 1890 e 1896, não foram encontradas quaisquer referências a ceireiros, prevalecendo as profissões de proprietário e jornaleiro (o que não quer dizer que alguns deles não fossem também ceireiros, mas a profissão não era encarada como tal já que constituía um complemento do rendimento familiar).

A partir de 1900, os registos tornam-se menos sistemáticos e completos, mas ainda assim detetaram-se ceireiros:

- António Alexandre Proença e Helena de Jesus (1900)

- Belarmino D'Anciães e Theresa de Jesus (1903)
- Afonso Augusto Gomes e Umbelina de Jesus (1905)
- Joaquim Lourenço e Maria de Jesus Ramos (1905)
- José Joaquim Ribeiro e Margarida Rocha (?) (1905)
- Manuel António de Proença e Carlota Joaquina (1905)
- José Eduardo de Carvalho e Angelina de Jesus (1913)

De salientar algumas referências que nos levam a concluir, sem margens para erro, que a atividade ceireira na Beselga era já importante no início do século XIX: por exemplo, José Roque, cerieiro, morre em 1864 com 48 anos, o que nos remete para a sua data de nascimento em 1816 e nos faz pressupor que na década de 20/30 do século XIX já exerceria a atividade de ceireiro. Ou ainda a grande quantidade de adultos (sabemos que são adultos pois nos registos aparecem como progenitores, padrinhos ou testemunhas de atos paroquiais) que na década de 60 do século XIX eram ceireiros, o que nos faz recuar com certezas à 1ª metade do século XIX para afirmar que a atividade ceireira era já relevante na Beselga.

Mas a incipiência de registos do século XVIII/1ª metade do século XIX e a parca informação que contêm (apenas referem os nomes e as proveniências das pessoas, sendo rara alguma referência a profissão), não nos permitem recuar mais no tempo de forma fundamentada e documentada.

O último livro de registos paroquiais consultado para a freguesia da Beselga data de 1918 (registo de casamentos), pelo que daí para a frente apenas temos os relatos orais dos ainda habitantes da Beselga e ceireiros que remontam a tradição na família a 3 gerações anteriores (pais, avôs e bisavôs). E sabemos, pelo menos, o apelido de 2 das famílias que se dedicavam ao trabalho em junça: os Magalhães e os Serôdio (esta última, atualmente representada pelo Sr. Ilídio Serôdio, hoje com 76 anos, filho, neto e

bisneto de ceireiros...). Também Deolindo Augusto “Ronda”, hoje com cerca de 92 anos, foi ceireiro.

Também nos é dado a concluir que a atividade foi perdendo importância no século XX, já que são raras as referências a ceireiros, havendo contudo referências a outras profissões (proprietários, jornaleiros, industriais, mercadores). Sabemos por informação oral que a partir de meados do século XX, com a transformação do processo de produção de azeite e a consequente perda de importância das ceiras, a produção decaiu muito, o que levou muitos ceireiros a emigrar ou a sair para meios urbanos em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Tudo indica que esta ocupação terá sido sempre familiar (exceto em casos esporádicos, em que um membro do casal tinha uma profissão específica) e encarada como complemento de outros trabalhos (agrícolas, sobretudo), complementando assim os poucos rendimentos familiares conseguidos. Assim, nunca foi encarada verdadeiramente como uma profissão na verdadeira aceção da palavra.

A história atual

Quem chega a Penedono, vindo de Viseu pela estrada nacional 229, depara-se com um grande mural de azulejo homenageando uma das profissões com maior tradição local – os ceireiros da Beselga, e todo o árduo trabalho implícito na atividade de trabalhar a junça (a apanha, o transporte, a secagem e o trabalho artesanal dos ceireiros propriamente dito).

Ali ainda hoje podemos assistir à produção de peças em junça – cestas, capachos, bases, almofadas, potes, sendo que as antigas e belíssimas ceiras tradicionais para o azeite deixaram quase de ser executadas (apenas por encomenda e para efeitos decorativos ou museológicos). No Centro de Artesanato existente na freguesia (fruto de um curso de formação ministrado pelo IEFP nos anos 1996/7), o Mestre Artesão reconhecido com carta de mérito não só pela antiguidade do seu ofício mas pelo valor



cultural da atividade em si, desenvolve o seu trabalho, com a colaboração de duas ou três senhoras que executam os trabalhos não entrançados sob sua supervisão. Sim, porque as tranças competem ao homem, trabalhando-as depois no seu banco construído para o efeito com tábuas e pregos onde estica as tranças de junça. Como também compete ao homem a supervisão do trabalho feminino, assegurando que tudo fica bem feito e garantindo a qualidade final das peças.

Hoje, e fruto do trabalho desenvolvido no Centro de Artesanato, a tradição mantém-se pelas mãos de um homem que dedicou parte da sua vida à atividade, mas que quer transmitir os seus conhecimentos e contribuir para que a produção artesanal da junça da Beselga - Penedono se desenvolva e dinamize o emprego e economia locais. E os projetos de inovação/renovação da produção estão a surgir pelas mãos de designers que, trabalhando em parceria com os artesãos, poderão construir o ponto de viragem para que a produção retorne à importância que teve outrora... mas adaptada aos novos tempos, novos contextos e com novos atores.



3 – Delimitação geográfica da área de produção

Embora, na atualidade, a produção de artefactos em junça apenas ocorra na freguesia da Beselga, pensamos ser oportuno prever o alargamento dessa área de produção, para assim poder incluir novos artesãos que pretendam dedicar-se à atividade, abranger pessoas de outras freguesias que pretendam frequentar ações de formação nesta área, abrir um maior leque de possibilidades para que esta arte se desenvolva, se modernize e alcance um patamar sustentável.

Desta forma, e neste caderno de especificações, propomos o alargamento da área geográfica de produção a todas as freguesias do concelho de Penedono, ainda que a denominação será sempre Junça da Beselga – Penedono, já que está associada à origem e principal território de difusão desta produção artesanal.

Pensamos que este fator constituirá estímulo para a dinamização e o desenvolvimento de ações mais abrangentes, destinadas a jovens de todo o concelho, e que visem a aproximação desta produção artesanal a uma linguagem de estética mais contemporânea, mais direcionada para os mercados atuais e com maior viabilidade económica.



O facto de se permitir a entrada nesta profissão (e não fechar o acesso), funcionará como elemento de atração para jovens, desempregados e pessoas que procurem nesta atividade um modo de subsistência, quer como complemento de outras profissões, quer encarando-a como profissão principal, permitindo alargar o número de potenciais produtores, fator indispensável ao desenvolvimento futuro e afirmação da “arte ceireira”.

4 – Identificação e caracterização das matérias-primas

Junça

Espécie do género cyperus, a junça é uma designação comum a ervas da família das ciperáceas (que compreende cerca de 4350 espécies de ervas rizomatosas), de rápido crescimento e proliferação. A sua capacidade de sobrevivência em condições adversas é enorme, aguentando períodos prolongados de seca ou extrema abundância de água. Tolerância a temperaturas muito elevadas como nenhuma outra espécie vegetal.



É uma planta espontânea, ao que se conhece proveniente de paragens longínquas – Índia, que se encontra um pouco por todo o país. Mas a sub-espécie que aqui nos interessa focar e que é a utilizada na confeção desta produção artesanal, tem maior expressão nas serranias frias entre Tabuaço e Trancoso (zona onde sempre foi mais abundante) , ocupando terrenos pobres, graníticos e com pouca água. Esta subespécie tem uma espessura mais fina do que a que se desenvolve em terrenos húmidos (nas margens dos ribeiros), permitindo um trabalho artesanal mais miúdo e perfeito (no dizer dos artesãos locais).



E era nas imediações do concelho de Trancoso e zonas limítrofes (Meda e Celorico da Beira) que as gentes da Beselga a colhiam, num processo exclusivamente manual como mais à frente se explicará. Atualmente, e como a junça necessária não é muita (dado o pouco volume de produção), é colhida mais próximo da Beselga, em zonas onde a junça se pode ainda encontrar.



5 - Descrição do modo de produção e características da Junça da Beselga - Penedono

Na Beselga, todo o processo inerente ao trabalho em junça é dominado pelo mestre, desde a apanha da junça, passando pelo transporte, secagem, preparação e trabalho da fibra propriamente dito, e é ele ainda o responsável pela produção final.

A apanha e a secagem



A apanha da junça, um trabalho penoso e fatigante que dantes cobria um território vasto, indo até Trancoso e hoje se limita às serranias da região, é efetuada pela altura do S. Pedro (finais de Junho). Não se utiliza foice para não cortar a planta o que iria prejudicar o seu futuro rebentamento. Assim, a junça é arrancada por puxão, enrolando um pau (estaca curta) na parte inferior da planta e puxando com força. O esforço necessário é tal que para ser possível o seu arranque o pau tem de estar bem amarrado à parte inferior do braço, através de uma correia e fivela enquanto uma cinta de tecido protege a pele.

Antigamente era paga uma renda ao dono do terreno onde a junça crescia espontaneamente para que permitisse a apanha. Hoje tal não se verifica pois a maioria dos terrenos onde a erva cresce são baldios, sendo que a apanha da junça ajuda na renovação da flora e no controlo do mato (prevenção de incêndios).



A junça, depois de apanhada, é colocada em grandes molhos (toiços) para depois ser transportada para a aldeia, onde é colocada a secar em camadas bem espalhadas, posto o que é armazenada até ser necessária. Inicialmente, era transportada com recurso aos burros dos próprios ceireiros; depois passou a ser transportada de camionetas alugadas, o que tornou o processo mais rápido e eficaz; atualmente, como a quantidade de junça colhida é pequena, são os próprios ceireiros que a apanham e transportam-na nos seus veículos.



Hoje em dia, a quantidade de junça existente é já pouca, pois deixou de ser apanhada com tanta frequência, não se proporcionando as condições

necessárias para a renovação espontânea da planta. Uma das soluções apontadas pelo ceireiro atual do centro de artesanato seria uma queimada controlada dos terrenos para queimar a junça velha (que já não serve) e para que no ano seguinte a junça rebentasse boa e estivesse toda em bom estado para ser colhida e trabalhada.

O modo de produção e características da Junça da Beselga - Penedono

O trabalho na junça era, em outros tempos, feito ao serão, onde a par do trabalho da junça, também se aproveitava para pôr a conversa em dia e para namoriscar (os rapazes, regressados do trabalho, aproveitavam para espreitar as moças e conviver um pouco). Fazia-se, igualmente, nos intervalos das lidas agrícolas, nunca comprometendo a atividade principal da comunidade.

Geralmente, às mulheres cabia fazer as tranças com que os homens fabricavam as



diversas peças com recurso a equipamento muito rudimentar, que ainda hoje se mantém em uso: a agulha de ferro, com cerca de 12 cm e ligeiramente arqueada, para coser as tiras ou tranças ; a tesoura de tosquiar,



com que cortam os excedentes da palha; e um banco “tear”, baixo, com pregos espetados por onde fazem passar as fibras e as tranças, delimitando assim a forma que pretendem dar à peça.

Hoje já não se trabalha ao serão; trabalha-se ao sabor da necessidade e das encomendas. E o trabalho é executado no Centro de Artesanato, onde o Mestre Artesão gere as encomendas e supervisiona as peças em elaboração. As artesãs (mulheres) fazem as peças em “ponto”-enroladas (cestos, almofadas, entre outras), enquanto o mestre faz o entrançado e cose as peças depois de feitas.



Há 2 formas principais de trabalhar a junça:

- em ponto



- em trança



Tipologias de peças mais frequentes

- CEIRA PARA LAGAR DE AZEITE



As peças que mais frequentemente se faziam na Beselga e que ajudaram à implantação e ao reconhecimento deste núcleo de produção artesanal no local, eram as ceiras para os lagares de azeite tradicionais (com prensas de vara), que eram distribuídas um pouco por toda a região norte e centro do país. Com a alteração dos métodos tradicionais de produção de azeite e com a introdução de outros materiais na e laboração das ceiras

(cairo e nylon, mais resistentes às altas pressões das prensas hidráulicas), esta produção foi decaindo durante a 1ª metade do século XX, sendo que hoje é residual e apenas se faz para resposta a encomendas (sobretudo para espaços museológicos).



- CEIRINHAS OU ALMOFADAS OU ASSENTOS

Almofadas para cadeiras, bancos ou simplesmente para servir de assento. Servem também de bases para tachos e tabuleiros.



- CAPACHOS/TAPETES

Tapetes. Podem ser fechados ou em argolas.



- CARPETES

Tapetes redondos usados também como decoração de paredes, por regra em argolas.



- CESTAS EM TRANÇAS

Cestas para diversas utilidades e decoração.



- CESTAS EM PONTO

Cestas para diversas utilidades e decoração.



- CESTOS EM PONTO

Cestos para diversas utilidades e decoração.



- CESTOS EM TRANÇA

Cestos para diversas utilidades e decoração.



- CESTOS EM TRANÇA DE 6 PAVIOS

Cestos para diversas utilidades e decoração.



- POTES COM TAMPA EM PONTO

Potes de diversos tamanhos para decoração.



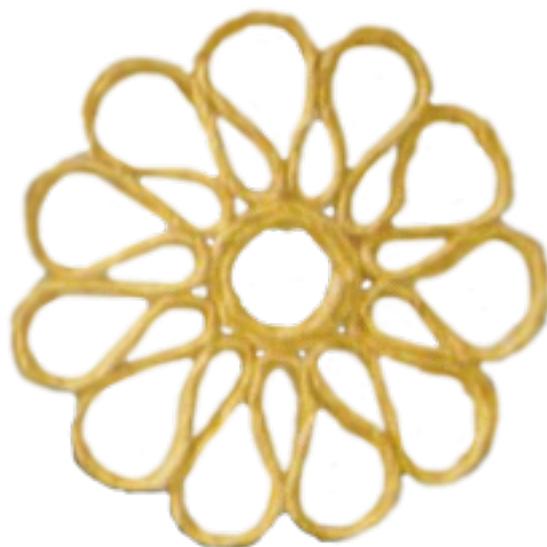
- CHAPÉUS

Peça em forma de chapéu para decoração.



- BASES PARA TACHOS

Bases para tachos e tabuleiros de forno.



- REVESTIMENTO DE GARRAFAS E GARRAFÕES EM PONTO.

Empalhamento de recipientes.



- JARRAS

Peças de decoração.



- VASSOURAS

Pequenas vassouras para varrer lareiras e fornos.



6 - Condições de Inovação do produto e no modo de produção

As produções artesanais tradicionais desde sempre se foram ajustando a novas funções e utilizações, adaptando ou alterando as suas formas para melhor responderem às necessidades das comunidades e às exigências do desenvolvimento da vida quotidiana, onde deixaram de ter o papel preponderante de há alguns anos atrás.

Também os trabalhos em junça da Beselga sofreram, nos últimos 50 anos, alterações profundas: se, por um lado, a agricultura e a vida doméstica deixou de utilizar os utensílios em junça nas suas tarefas diárias, substituindo-os por outros de materiais mais “modernos” e duráveis, por outro, os próprios ceireiros procuraram responder a novas necessidades das comunidades, tornando as suas peças adequadas a ambientes mais urbanos, “deslocando-as” do plano meramente funcional para um plano mais decorativo (ainda que não exclusivamente).

Portanto, já faz parte da história desta produção artesanal a sua evolução e adaptação a novas necessidades, através de uma inovação controlada, realizada pelos próprios artesãos ceireiros que, recorrendo à junça e às diferentes formas de a trabalhar, foram “criando” peças diferentes e adaptadas a outros contextos. Esta inovação controlada (e por controlada entenda-se que não descaracteriza a produção tradicional, antes lhe dá novas hipóteses e mais-valias) pode também ser alvo de projetos em parceria entre designers e artesãos ceireiros, no sentido de desenvolver produtos de estética contemporânea, mas sempre recorrendo à técnica de produção tradicional da junça da Beselga.

De facto, a inovação na produção Junça da Beselga – Penedono é já uma realidade, o que demonstra a vitalidade que se pretende imprimir a esta produção artesanal sem, contudo, a descaracterizar.

Havendo que encontrar um adequado equilíbrio entre a imagem patrimonial desta produção (mais rica e versátil do que por vezes se imagina) e a necessidade de se continuar a vender uma produção que sempre foi de mercado e de se desenvolver a sua linguagem, há que considerar a possibilidade de inovar. Trata-se, contudo, de uma inovação controlada, que não desvirtue a Junça da Beselga, antes signifique a sua reinvenção no quadro das referências que este Caderno de Especificações apresenta.

Julga-se importante, na consideração do futuro desta atividade, abrir o leque de possibilidades de utilização desta produção que deve poder abranger outro tipo de peças quer de âmbito funcional, quer decorativo, introduzindo cruzamentos com outros materiais e tecnologias, tradicionais ou não.

Assim:

- a admissibilidade da introdução de outras técnicas e formas de trabalhar a junça (para além do ponto e tranças utilizados) é uma possibilidade, desde que convivam com as tipologias mais tradicionais sempre em percentagem menor que aquelas (abaixo dos 50%);
- a introdução de outros suportes e o cruzamento de outros materiais são admitidos, também e desde que em proporção significativamente menor à intervenção em junça, que deverá prevalecer em, pelo menos, 75% da peça;
- o tingimento das fibras vegetais (recorrendo a processos naturais) é permitido, não obstando à certificação mesmo que utilizado na totalidade da peça.

A certificação fica ainda e decisivamente condicionada à qualidade da execução das peças produzidas, ou seja, peças mal executadas ou em que a execução em junça seja meramente decorativa e residual (não correspondendo às percentagens exigidas neste caderno de especificações) não serão passíveis de ser certificadas.

Bibliografia

Artesanato da região centro - Instituto do Emprego e Formação Profissional, Coimbra, 1992.

Artesanato em junça - Beselga - Penedono - Município de Penedono, s/d.

Beselga Senhor dos Passos: história e devoção ceireira - Comissão dos Mordomos da Festa do divino Senhor dos Passos da Freguesia da Beselga, 1996.

Castilho, Artur - *Os Capachos da Beselga*. Porto, Separata do Boletim da Casa Regional da Beira-Douro, 1956.

Cestaria Tradicional Portuguesa - Instituto do Emprego e Formação Profissional, Lisboa, 1993.

Dicionário Cândido Figueiredo. Lisboa, 1913.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa, Círculo de Leitores, 2002-2003.

Galhano, Fernando - *Cestaria de entre Douro e Minho*. Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1961.

Kuoni, Bignia - *Cestaria Tradicional Ibérica*, Ed. Aguazul, 1981.

Ramos, Graça - *Jóias feitas de ervas preciosas in Idades Entrelaçadas*. IEFP, 2013.